

ANÁLISE DO POEMA “A CATEDRAL”, DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Ronaldo Tavares Gomes¹³

RESUMO

Apesar da obra poética de Afonso Henriques da Costa Guimarães perpassar apenas três temas básicos: morte da amada, pena de si mesmo e religiosidade, ele representou um dos grandes autores do Simbolismo no Brasil. Adotou o nome literário de Alphonsus de Guimaraens, mais musical e simbolista para sua figura poética. Dedicou-se à literatura com maior intensidade, após 1906, já juiz em Mariana, onde passou a residir. Para ressaltar a riqueza e o alto teor das impressões simbolistas deste admirado mineiro de Ouro Preto, propõe-se esta análise do poema “A Catedral”. Nesta poesia, poder-se-á perceber o lirismo místico, a fuga da realidade, a técnica, a musicalidade e a ruptura com a concepção parnasiana, trabalhados por ele de forma magistral.

Palavras-chave: Literatura. Poesia. Simbolismo. Alphonsus de Guimaraens.

ABSTRACT

Although Afonso Henrique da Costa Guimarães deals with only three basic themes in his work: death of the beloved, self-pity and religiosity, he represented one of the greatest authors of the Brazilian Symbolism. He adopted the literary name of Alphonsus de Guimaraens, which was more musical and symbolist for his poetic figure. He devoted himself to literature with greater intensity after 1906, as a judge in Mariana, where he settled down. To highlight the richness and high levels of the symbolist impressions of such admired *mineiro* (said of a person who is

¹³ Graduado em Letras (Português e Espanhol) pela UFMG, Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior pela UEMG e Professor de Espanhol no Colégio Militar de Belo Horizonte. E-mail: portenho@click21.com.br

born in Minas Gerais state) from Ouro Preto, we propose this analysis of the poem “A Cathedral”. In this poem, it may be noticed the mystic lyricism, the escape from reality, the technique, the musicality and the break with the Parnassian conception, which he masterly developed.

Key words: Literature. Poetry. Symbolism. Alphonsus de Guimaraens.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o poema “A Cathedral”, de Alphonsus de Guimaraens, extraíndo-lhe as características simbolistas presentes e propor interpretações para as alusões do poema e para sua sonoridade, bem como compará-lo com outro de distinta concepção.

Essa escolha em relação ao poema citado justifica-se na medida em que ele representa um bom exemplo no que diz respeito às sugestões, à sonoridade e ao ritmo, típicos de um poema simbolista. Além disso, há uma intensa atmosfera mística e religiosa, impregnando-o com mais este caráter marcante desta fase literária, presente também em muitos poemas simbolistas, sobretudo neste autor, declaradamente católico.

Para tanto, a partir do texto “Decadentismo e Simbolismo na poesia portuguesa”, de José Carlos Seabra Pereira, estabelecer-se-á, no poema “A Cathedral”, os traços mais vivos do movimento simbolista, atendo-se:

- I. à questão da representação da realidade e, como se pode perceber/interpretar, às sugestões/alusões do poema;
- II. à camada rítmica e sonora do texto em sua novidade evocativa;
- III. ao cotejo com um poema anterior da literatura brasileira de concepção distinta no que se refere a estes elementos, no caso, “Vaso Chinês”, de Alberto de Oliveira.

Como este trabalho é uma **tentativa** de apreensão da realidade simbolista no citado poema, as interpretações aqui contidas são nada mais que possibilidades expressas por um ponto de vista sem, contudo, ter a pretensão de esgotar e/ou abarcar a totalidade de quaisquer significações.

DESENVOLVIMENTO

I. A questão da representação da realidade e como se pode perceber/interpretar as sugestões/alusões do poema.

É uma tendência muito marcante dos simbolistas expressarem a realidade de maneira vaga e imprecisa. Para interpretar a realidade, eles se valem da intuição e da percepção interior e não da razão ou da lógica que especifica, aclara e detalha o objeto do qual se refere. O Simbolismo começa então por repudiar o Realismo e suas manifestações, rejeitando o cientificismo, o materialismo, o racionalismo que, de certa forma, mais limita a visão do ser pensante que o liberta, uma vez que as possibilidades de significações, em torno de uma realidade, um ser, um objeto é muito mais abrangente do que se pensa ser. Passa-se, então, a valorizar, em contrapartida, as manifestações metafísicas e espirituais do homem, as experiências pessoais e íntimas da criatura humana que sente, experimenta e vive o mundo a seu redor.

Complementar é a reacção contra uma filosofia identificada com os logros cientistas. Essa reacção traduz-se no reavivar da especulação metafísica, sobretudo através do renovo do Idealismo.(...) Surgia mesmo a denegação do alcance ilimitado do pensamento racional e o menosprezo da perquisição intelectualista... (J.C.S. Pereira)

A realidade objetiva não interessa mais, o homem parte em busca de uma realidade subjetiva, retomando um “eu”, não tão superficial como o faziam os Românticos, porém mais profundo, buscando a essência do ser humano, os estados da alma, do sonho, do vago. Em razão desse subjetivismo, o Simbolismo é todo sugestão (“sugerir, eis o sonho”, já dizia Mallarmé), o poeta refere-se a um objeto sem dizer seu nome, indiretamente; essa é a nova perspectiva poética. As palavras transcendem o seu significado, imprimindo ao significante possibilidades, às vezes, indizíveis, absurdas ou passíveis de interpretação. Na verdade, o poeta não busca associação a nada, não busca a clareza e, sim, a obscuridade: eis aí a linguagem simbólica. O símbolo é uma alusão a nada, pois o que se quer é provocar estranhamento.

Pereira comenta esta distinção entre linguagem comum e linguagem poética, na qual se possibilita uma nova expressão formal, reforçando Mallarmé que afirmava que nomear um objeto é destruir três quartos do prazer que reside no adivinhar gradual da sua verdadeira natureza. Passa-se então ao uso constante de sinestésias e de aliteraões, além de outras figuras de linguagem que, somadas à musicalidade, irão contribuir para esta atmosfera diáfana que os poetas simbolistas imprimiam em seus poemas.

A repurificação da linguagem, ao nível de cada palavra e das relações que se estabelecem entre ela e as outras, tem outro caminho: por um lado, despojar os vocábulos da sua significação actual, sobretudo naqueles mais marcados ou gastos pelo comércio quotidiano, para lhes restituir o seu original poder criador e mítico; por outro lado, levar a cabo uma renovação sintáctica que substitua, à relação lógica dos termos, uma relação poética pura, indissolúvel também da unidade do verso. (J.C.S. Pereira)

Observem-se, pois, esses traços marcantes no poema “A Catedral”, de Alphonsus de Guimaraens:

A CATEDRAL

**Entre brumas, ao longe, surge a aurora
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu risonho,
Toda branca de sol.**

**E o sino canta em lúgubres responsus:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”
O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a bênção de Jesus.**

**E o sino clama em lúgubres responsus:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”**

**Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu tristonho,
Toda branca de luar.**

**E o sino chora em lúgubres responsus:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”**

**O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.
E a catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho
Como um astro que já morreu.**

**E o sino geme em lúgubres responsus:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”**

GUIMARAENS, Alphonsus de. Poesias.

Encontra-se essa apreensão sutil da realidade logo no início do poema que se apresenta já entre brumas e ao longe. Logo em seguida, o adjetivo *hialino* (que tem a aparência do vidro, transparente como o vidro), o adjetivo *ebúrneo* (de marfim, que tem a aparência do marfim) e o verbo *evaporar* (converter em vapor, consumir desaparecer) contribuem para a elaboração dessa imagem translúcida da catedral – catedral de um sonho; uma visão sugestiva de uma coisa concreta que remete ao *eu* do poeta, ao que lhe é mais íntimo: o objeto é internalizado para sentimentalizá-lo.

**“Entre brumas, ao longe, surge a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho...”**

Pode-se perceber que, não só nessa primeira estrofe, mas também no decorrer de todo o poema, os adjetivos exagerados servem para dissolver as significações, fazendo com que a linguagem se dilua, escorrendo, fluida, por todo o texto.

Há, no poema, quatro instantes, nos quais as estrofes são agrupadas em quatro pares, em que se sugere a passagem do tempo. A mudança de clima em cada uma dessas partes pode ser percebida pelo jogo de palavras, destacando-se a passagem do tempo, a mudança de clima em cada par de estrofes. Essas fases do tempo real: manhã, tarde, noite e madrugada são conotações sutis que levam a perceber-se o íntimo do poeta, sugerindo as peculiaridades de cada etapa do dia como se traduzissem a essência de seu universo interior, de sua alma, de sua vida: infância, juventude, maturidade e velhice, como se ele pudesse experimentar as sensações de cada uma destas fases da vida, de acordo com o seu estado emocional. Para tanto, Alphonsus sugere apenas palavras, sem nomear objetivamente os elementos que compõem essa realidade – primeira parte: aurora, sol; segunda: seguir do astro, hora da bênção; terceira: lua, luar; quarta: céu de trevas/medonho, tempestade. Assim, percebe-se que, à medida que o cenário vai mudando, modifica-se também o estado íntimo do poeta, ou então, o inverso, na proporção em que o estado íntimo do poeta se transforma, o cenário exterior vai acompanhando esta mudança. Toda essa percepção manifesta-se no badalar do sino, em suas diferenças sonoras. Objetivamente, todo badalar é sempre o mesmo, porém, no poema, o que vai mudar é o estado d’alma do poeta, como ele vê a realidade. E assim, o sino vai imprimindo-lhe sensações distintas a cada vez que soa, representadas pelos distintos verbos que acompanham o substantivo “sino”, em cada uma das quatro partes do poema, caracterizando seu estado interior no momento das diferentes badaladas: “o sino canta”, “o sino clama”, “o sino chora”, “o sino geme”.

Percebe-se, nesse caso, que o poema segue paulatinamente para

um desfecho fatídico, marcado pelo pessimismo. O eu lírico sente-se esmagado por uma desilusão sufocante em relação ao mundo que o rodeia. Pode-se, nesse particular, observar alguns traços do Decadentismo neste poema, uma vez que o homem decadentista, segundo Pereira, vê-se lançado numa crise ainda mais penetrante, num verdadeiro drama espiritual. A melancolia, o pessimismo e a rejeição decadentista do gosto de viver podem obrigar a uma rejeição sonhadora, reforça, e, portanto, essa catedral ebúrnea do sonho do poeta acaba por “afundar no caos do céu medonho como um astro que já morreu”.

O subjetivismo, o particular, o individual são interesses bem mais marcantes no Simbolismo que o interesse pelo geral e universal, a não ser que este apareça no particular. Pereira, ao justificar o uso intensificado da sinestesia, pela correspondência no próprio homem entre as diversas faculdades e ordens de sensações, argumenta que há uma correspondência entre o mundo material e o espiritual, entre o macrocosmo e o microcosmo, entre o mundo material e espiritual. De qualquer forma, o que se percebe em Alphonsus de Guimaraens, além do subjetivismo patente – cita o próprio nome em cada uma das estrofes pares do poema, usa verbos e pronomes em primeira pessoa –, é um forte espírito religioso que, apesar de pessoal, soa universal; não em sua generalidade, mas pelo particular de cada criatura, ou seja, cada um tem em si um pouco do místico e do religioso que Alphonsus tanto reflete em seus poemas. No texto em questão, “A Catedral”, além de citar Jesus Cristo, usa o termo *responso* (versículo rezado ou cantado depois da leitura de determinados textos litúrgicos) e a própria catedral como metáfora maior do seu poema:

**“A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a bênção de Jesus.
E o sino clama em lúgubres resposos:
“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”**

Pereira, além de reforçar a questão religiosa dos simbolistas: “Mais do que da arte decadentista, pode-se dizer da simbolista que, se por um lado traz a marca da grande crise moderna da Moral e da

Religião, como estruturas dogmáticas e confessionais, por outro lado, e completamente, é fruto de um espírito religioso, de abertura ao sagrado e heideggeriano pastoreio do Ser, sob a forma de auscultação das latentes simpatias cósmicas.”, vai tratar da obscuridade como outra característica inerente da poesia simbolista, ligada à situação espiritual do escritor, o que provocaria uma obscurizante recriação da linguagem, o hermetismo, porque o poeta vai dizer de seu mundo interior “da evanescência das sensações, da mutabilidade da corrente da consciência, da penumbra do inconsciente e do onírico”(J.C.S.Pereira). Porém, o vocabulário nebuloso e de certa forma requintado, os adjetivos carregados, a solidão e a sensação de amargura que vai estendendo-se por todo o poema, causando essa obscuridade peculiar, não chegam a afetar a beleza de “A Catedral”, cujo eu lírico vai vestindo-se de solidão e autocompaixão, à medida que vai aprofundando-se em si mesmo.

II. A questão da camada rítmica e sonora do texto em sua novidade evocativa.

A musicalidade é uma das características mais marcantes da estética simbolista, pois está ligada às suas intenções mais profundas da conquista de uma suprema harmonia verbal, que, como diria Pereira, está “idealmente fundada no conhecimento do valor musical dos sons e das palavras e na sua sábia combinação..., mas também na eurtmia estrutural de temas e variações, na conexão e recorrência de motivos e imagens”. Paul Verlaine, um dos mestres do Simbolismo francês, em seu poema “Art Poétique” afirmou: “*De la musique avant toute chose...*”.

Apesar de não ser intenção dos simbolistas reduzir a poesia à música, essa aproximação representa uma das faces da nova concepção de linguagem poética, “trata-se já da música como ritmo natural do mundo, como lei espiritual das relações entre as coisas ou entre as idéias” (J.C.S.Pereira). Por vezes, pode-se perceber um excesso de zelo com a palavra, mas é como se, nessa busca por uma sonoridade perfeita e integrada à sensação experimentada pelo poeta, houvesse uma valorização e apreciação da beleza do significante que se somaria às tantas sugestões e alusões que os significados evocam na concepção

simbolista.

Alphonsus de Guimaraens, em “A Catedral”, utiliza bastante a aliteração, ou seja, a repetição de fonemas para sugerir sons, assonâncias, rimas. Ele faz desse recurso instrumento para uma magnífica sonoridade musical, que, nas estrofes pares, aludem à reprodução das badaladas sonantes dos sinos de uma catedral.

**“E o sino chora em lúgubres resposos:
‘Pobre Alphonsus, pobre Alphonsus!’”**

A começar pela assonância das vogais “o” e “u”, por suas características sonoras e muitas vezes nasalizadas durante o poema, nota-se que se procura, de maneira bastante cuidadosa, imitar o som do sino que “canta”, “clama”, “chora” e “geme” na catedral. Essa musicalidade é reforçada principalmente pela aliteração da consoante oclusiva “p” em *resposus* e *pobre* e pela fricativa “f” nas duas vezes que a palavra *Alphonsus* aparece no verso, lembrando as pancadas do pino nas paredes do sino. Além disso, há grande quantidade de sílabas tônicas que contêm as vogais “o” e “u”, nasais na maioria das vezes, entre outras, que ajudam a marcar o eco que o som do badalar do sino produz e intensificar a sensação de pesar e angústia que se arrasta por todo o poema:

“Entre brumas ao longe surge a aurora...”
“Onde os meus olhos tão cansados ponho,...”
“Afunda-se no caos do céu medonho...”

A própria repetição do verso “**Pobre Alphonsus, pobre Alphonsus!**”, ao longo do texto, ajuda a marcar esse ritmo musical que sugere o poema. Essa repetição também se dá com outros versos:

“A catedral ebúrnea do meu sonho,”
“Aparece na paz do céu risonho/tristonho”
“Toda branca de sol/luar.”

Observando o texto como um todo, percebe-se ainda como a

forma e a sonoridade imprimem significação interessante. A religiosidade que marca esse poema de Alphonsus de Guimaraens pode ser reforçadamente sugerida pelo próprio aspecto formal e rítmico do texto que, somando-se à citação explícita do termo responso – um coro litúrgico –, alude a uma ladainha: oração formada por uma série de invocações curtas e respostas repetidas.

III. Cotejo com um poema anterior da literatura brasileira de concepção distinta no que se refere a estes elementos, no caso, “Vaso Chinês”, de Alberto de Oliveira.

Contrariamente ao que se vê em “A Catedral”, “Vaso Chinês” é um poema bastante objetivo e descritivo. É um texto que se poderá dizer fotográfico, ou seja, Alberto de Oliveira faz um recorte da realidade, retratando-a com palavras claras e precisas, como se tentasse captar aquele momento, registrando-o em uma folha de papel. O poema em questão aborda a realidade que, já pela própria escolha do tema – descrição de um vaso –, distancia-se da abordagem simbolista:

VASO CHINÊS

**Estranho mimo, aquele vaso! Vi-o
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.**

**Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente de um calor sombrio.**

**Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe? ... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura;**

**Que arte em pintá-la! a gente acaso vendo-a
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.**

OLIVEIRA, Alberto de. Poesias.

Comparando os dois poemas, observam-se duas maneiras distintas de apreensão da realidade. Os simbolistas não se interessam pela realidade objetiva, expressam-na subjetivamente, utilizando metáforas, símbolos, sinestésias para “descrevê-la”.

Já os parnasianos têm uma preocupação excessiva com a descrição de detalhes dos objetos e das coisas, caracterizando, de forma bem nítida e objetiva, a realidade a sua volta. Alberto de Oliveira é um grande mestre na arte destes detalhes descritivos. Logo na primeira estrofe do seu poema “Vaso Chinês”, nota-se como o poeta trabalha com maestria essa habilidade, quando, apesar de afirmar ter visto o vaso apenas uma vez, transmite ao leitor detalhes não só da visão do vaso em si, mas também do mármore em que estava, do leque e do começo do bordado que o circunvizinhavam.

O vaso é um objeto distinto do poeta e, portanto, passível de descrição, o que já não ocorre com a catedral de Alphonsus que é quase uma extensão do próprio poeta, de seu sonho, de sua alma. No poema “Vaso Chinês”, o poeta vê o vaso nitidamente, entre um leque e o começo de um bordado e as figuras que o artista desenhou em seu redor; no poema “A Catedral”, o poeta percebe o amanhecer que surge entre brumas e, ao longe, transmite as sensações da catedral de seus sonhos que, imaterial e indescritível, assume as impressões de seu estado d’alma. Em um, percebe-se uma representação subjetiva do real, uma sugestão das coisas; em outro, a objetividade temática, o culto da forma.

Apesar do vocabulário e da expressão formal bem cuidados e trabalhados, observa-se em “Vaso Chinês” a ausência da rica musicalidade e do ritmo simbolista, pois, uma vez o símbolo esvaziando a palavra de sentidos lógicos, precisa carregar-se de sonoridade. Outra questão importante é a temática descritiva de um objeto decorativo, usada por Alberto de Oliveira em seu poema, que, apesar de alguns

toques emotivos, retrata uma impassibilidade do autor, diante dessa realidade que descreve. Já Alphonsus de Guimaraens volta-se unicamente para a sondagem do seu eu profundo, na qual a linguagem apenas sugere as sensações e os conteúdos, sem descrevê-los.

CONCLUSÃO

Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema que consiste em ir adivinhando pouco a pouco: sugerir, eis o sonho. É a perfeita utilização desse mistério que constitui o símbolo: evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou inversamente, escolher um objeto e extrair dele um estado de alma, através de uma série de adivinhas. (Stéphane Mallarmé)

A partir desse fragmento de Mallarmé, pode-se concluir que o Simbolismo surgiu redescobrimdo a metáfora, criando o símbolo que sugere, primando o ritmo e o som, reforçando as tendências espiritualistas, num momento em que analisar o mundo exterior tornava-se difícil, pois não se podia entendê-lo racionalmente. Pode-se considerá-lo como a reação contra toda a poesia anterior. Um período marcado por frustrações, angústias, falta de perceptiva, fazendo com que a poesia se desvie do materialismo do fato e centre o foco na perscrutação do eu.

Como se pôde perceber neste trabalho, “A Catedral”, de Alphonsus de Guimaraens, reflete essas tendências simbolistas que, desde a publicação de “Flores do Mal”, de Baudelaire, influenciaram os poetas brasileiros daquele período. Alphonsus, um dos poetas mais místicos de seu tempo, por sua profunda religiosidade, amor pela noiva – morta às vésperas do casamento – e devoção pela Virgem Maria, isolado em Mariana, desde 1906, sua “torre de marfim”, é o prisioneiro desta catedral ebúrnea de seus sonhos, numa atitude tipicamente simbolista e de autocompaixão: “Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”.

Essas são as análises, interpretações e cotejo deste poema simbolista que definitivamente não se esgotam nestas poucas páginas. Como já dizia o crítico literário Alceu Amoroso Lima “Alphonsus foi o grande poeta da ausência, da distância, ouvia sons irrealis, respirava perfumes de flores inexistentes, cantava figuras que tinham com a

realidade concreta o mínimo de contato real”. Na verdade, o que se pode perceber é que ainda há nesta “catedral” muito mais do que se possa imaginar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo na poesia Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1975.

GUIMARAENS. Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens – poesias*. 2. Ed. Rio de Janeiro, Agir, 1963.

OLIVEIRA, Alberto de. *Alberto de Oliveira – poesia*. 2.ed. Rio de Janeiro, Agir, 1969.

MORÉAS, Jean. *O simbolismo*. 1886.